

O passado em um clique

A fotografia e as transformações da sociedade

JANE MUNDIM



Jane Mundim, aos 10 anos de idade, com sua família em Minas Gerais

BEATRIZ PESTANA E CAMILE ARAÚJO

A fotografia nos permite viajar no tempo. Funciona como uma ponte para o passado. Não importa a época em que foi tirada, a foto sempre nos ajuda a resgatar na memória as emoções vividas naquele instante. Como em um clique, somos levados ao momento em que a foto foi tirada e nos pegamos nostálgicos tentando reviver aquilo que agora só está na lembrança.

Como não associar fotografia à nostalgia? Ambas são aliadas e uma não se desvincula da outra. Não tem como olhar para uma foto e não lembrar do momento em que tudo aconteceu e, no exato instante em que o flash foi disparado. Esse senti-

mento mexe com emoções e lembranças de tempos que não voltam. Por isso, a fotografia é tida como uma mistura do passado e do presente, e é através dela que as lembranças não morrem e não correm o risco de cair no esquecimento.

O ato de fotografar faz parte da vida das pessoas e se torna ainda mais constante em ocasiões especiais, como viagens e aniversários. Não ter uma foto para relembrar um momento importante é como se faltasse um pedaço da história. A estudante Paula Nascimento, de 17 anos, ganhou uma viagem para a Disney como presente de seus 15 anos e registrou cada instante marcante com uma câmera. No entanto, ao chegar ao Brasil, a adolescente entrou em pânico ao perceber que ti-



Jane Mundim em dois momentos com sua filha caçula: no colo, no ano de 1973 e abraçada a ela em 2013

na esquecido a máquina no quarto do hotel.

“Eu fiquei muito triste quando percebi que não tinha mais as fotos da viagem. Não podia mostrá-las para meus pais, irmãos ou amigos. Não tinha nem foto para postar no Facebook. As poucas imagens que tenho hoje são as que tirei com a câmera de uma amiga. Chorei muito, mas nada mudou o fato de não ter mais as minhas fotos.”

Para a estudante, o fato de ter perdido as fotografias atrapalhou o desfecho da viagem. Sem elas, é como se faltasse um pedaço de sua lembrança. Isso mostra como a imagem é tão valorizada hoje em dia. Não ter um momento da vida registrado gera um sentimento de perda nas pessoas. É como se a memória do momento vivido não fosse suficiente. Nesse sentido a foto seria o único objeto capaz de eternizar o momento.

Há 83 anos a fotografia faz parte da história de Jane Mundim. Ao longo de sua vida, a aposentada acompanhou o desenvolvimento dessa tecnologia. Aos 80 anos teve o primeiro contato com uma câmera digital e admite seus benefícios, embora ainda prefira ter a imagem revelada no papel.

“Eu não gosto de sentar no sofá e ver as fotos no computador, acho que você perde até o interesse. Sem contar que muitas vezes essas fotos ficam

esquecidas, enquanto a foto impressa você pode tocar e sentir sempre que dá saudade daquele momento. É muito mais fácil pegar o álbum para ver as fotos na hora que quiser do que ficar dependente de uma máquina.”

Em preto e branco, colorida, no papel ou digital, o fato é que a fotografia nos faz lembrar momentos da vida, sejam eles bons ou ruins. Porém, essa lembrança deve ser encarada de forma saudável. Para a aposentada, ao ver uma fotografia, somos reportados àquela época em que ela foi tirada.

“A fotografia não deve ser vista de forma retrógrada, esse saudosismo exagerado tem que ser cortado. Nostalgia quando é mal dirigida causa sofrimento. A memória tem que ser alegre, mesmo que o momento vivido tenha sido doloroso. Ao ver uma foto me sinto feliz, os momentos que você revê são um alimento para a alma.

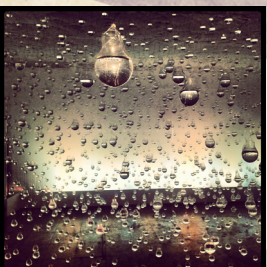
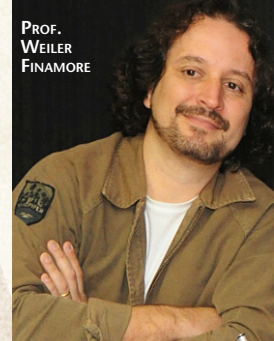
Instagram: um aplicativo para compartilhamento instantâneo de fotos

Com o avanço da tecnologia os equipamentos fotográficos ficaram mais acessíveis para a população. Dessa forma, a cultura de registrar fatos do dia a dia se difundiu. Com a chegada das máquinas digitais,



Fotos do Instagram de Affonso Araújo

PROF. WEILER FINAMORE



ficou ainda mais fácil ter e manusear uma câmera. Agora, o usuário que não domina técnicas de fotografia pode utilizar as configurações automáticas do equipamento.

O desenvolvimento das câmeras em aparelhos celulares facilitou ainda mais a vida do consumidor. A possibilidade de ter sempre este conjunto de tecnologias integradas e à disposição do usuário permitiu um maior registro e compartilhamento de imagens. Atualmente, aqueles que querem fotografar estão sempre com uma câmera na mão.

Com a praticidade de tirar fotos com o celular, a captura de imagens ficou cada vez mais frequente. As pessoas passaram a fotografar não apenas para eternizar um momento importante, mas também para divulgá-los em redes sociais. O Instagram, por exemplo, lançado em 2010, é um dos aplicativos mais populares desse segmento. Ele permite que o usuário fotografe e compartilhe imagens e vídeos com uma rede de amigos virtuais.

Segundo reportagem da Revista Veja Rio, publicada em 23 de outubro de 2013, o Instagram conta com mais de 150 milhões de usuários e 16 bilhões de imagens em seus servidores. Ainda segundo ela, cerca de 270 mil participantes ingressam nessa rede a cada dia. O Brasil está entre os países onde o dispositivo se expande com vigor. O Rio de Janeiro, por exemplo, tem lugar de destaque no volume de imagens postadas por cariocas ou turistas que fazem questão de exaltar as belas paisagens da cidade.

Para a estudante de relações internacionais Juliana Bayeux, 21 anos, esse aplicativo de fotos instantâneas permite que a pessoa interaja e fique por dentro de tudo o que acontece na vida dos amigos. Para ela a publicação de fotos deve ser feita diariamente, já que a cada minuto milhares de novas imagens são postadas.

“O Instagram é uma rede social muito dinâmica, se você não postar todo dia cai no esquecimento. O mais legal pra mim é poder colocar

fotos das diferentes coisas que eu faço a cada dia. Antes de começar a usar o aplicativo não tinha o costume de fotografar todas as minhas atividades. Hoje não fico nem um dia sem tirar pelo menos uma foto, garante a estudante.”

Para o professor de Fotojornalismo da PUC-Rio Weiler Finamore, criou-se um hábito de fotografar tudo a todo tempo. Uma necessidade imposta pelo avanço das tecnologias e por uma nova lógica de mercado, onde a fotografia é utilizada para expor a vida dos usuários, como uma espécie de vitrine. Ele acredita ainda que as pessoas estão mais preocupadas em divulgar uma imagem do que em registrar um momento.

“Se você deixar a proposta que está hoje no século XXI tomar conta dos seus sentidos, você vai banalizar. No final você é que tem que ser seletivo. Não estou dizendo que você não pode tirar várias fotos, mas é necessário saber selecionar aquilo que de fato te toca.”

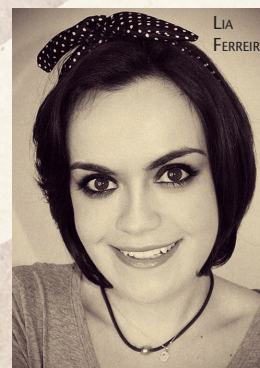
O processo de banalização da fotografia foi influenciado pelo volume de imagens que se tem hoje em dia. Para o professor, isso pode fazer com que a pessoa perca um pouco da sensibilidade em relação à fotografia. Com uma câmera no celular, qualquer um vira fotógrafo, no entanto, fazer uma foto não é apenas apertar um botão e capturar uma imagem. É necessário dominar técnicas como enquadrar, ajustar luz, foco, mas principalmente saber o que você quer transmitir com aquela foto. Portanto, a criatividade e o olhar de quem opera a máquina é o que de fato faz a diferença. ✨



Uma câmera na mão e mil histórias para contar

O retrato da vida de uma fotógrafa apaixonada pela arte

A fotógrafa mineira Lia Ferreira, 23 anos, é estudante de Jornalismo da PUC-Rio e acumula três empregos diferentes, é editora do Portal PUC-Rio Digital, editora-chefe do Portal Vero e colunista da revista Foco Livre. Para sobreviver ao caos da modernidade, ela se expressa através da arte literária e fotográfica. Integrante da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, Lia acredita que a fotografia social e ligada ao meio ambiente tem a função de alertar a população quanto às questões de sustentabilidade. Com objetivo de buscar novas oportunidades para a vida profissional e inspirada pelas belas paisagens da cidade, a estudante mudou-se para o Rio de Janeiro há cinco anos. A fotógrafa acredita que a cidade maravilhosa é um dos lugares mais encantadores para exercer tal profissão. Confira abaixo tudo o que Lia pensa sobre fotografia.



Eclética: Qual a sua relação com a fotografia?

Lia Ferreira: A minha relação com o universo fotográfico é natural e essencial tanto quanto caminhar. Aos sete anos ganhei minha primeira máquina fotográfica. As fotos ficaram todas borradas e eu não entendia muito bem os conceitos de luz. Era uma câmera analógica amarela, bastante leve e diferenciada para a época. Apesar dos erros e fracassos, o mundo inteiro se abriu quando pude lê-lo através da fotografia. Quantos detalhes passam despercebidos, mas que são emoldurados e detalhados numa foto. Fotografar sempre foi um ato de curiosidade e ousadia, pois afinal, quem consegue parar o tempo? A fotografia tem, dentre muitas outras, tal função.

Eclética: Que tipo de foto te traz nostalgia e faz você relembrar momentos marcantes?

Lia: Para mim a máquina do tempo já foi inventada: trata-se da máquina fotográfica. Por isso, qualquer detalhe numa foto pode despertar o sentimento de nostalgia: uma peça de roupa da infância, um amigo distante, a presença de um ente querido que já se foi. Todo evento pode ser emoldurado por um clique. Às vezes me pego olhando os álbuns de infância que já vi tantas e tantas vezes... Há sempre algo novo para revisitar.

Eclética: Em sua opinião, qual é a diferença entre câmera analógica e digital? E a diferença entre foto impressa e no computador?

Lia: Acredito que as câmeras analógicas têm personalidade, desenvoltura própria. Elas carregam uma relação mágica com o fotógrafo. Há algo de artesanal e manual no processo de fotografia analógica que não encontramos no digital. A diferença começa no design particular de cada câmera e vai até a revelação dos filmes. Tudo gera expectativa, pois perder uma foto analógica é também perder tempo e dinheiro. Por isso você precisa pensar bastante antes de produzir qualquer foto. As câmeras digitais, por outro lado, oferecem estabilidade e comodidade. Você pode ver o que faz em tempo real, deletar caso não goste, recomeçar quantas vezes quiser e nem precisa pagar por isso. As cores também podem ser mais vivas e a manipulação digital é mais fácil. É importante observar que as câmeras digitais cada vez mais tentam imitar os efeitos das analógicas. Eu sempre imprimo minhas fotos e monto álbuns físicos, pois o problema em trabalhar apenas no universo virtual é a facilidade com que perdemos as fotos. Muitas vezes, problemas como vírus podem apagar as fotos sem que saibamos. Por isso, eu acho essencial imprimir as fotos, pelo menos as melhores delas, até porque a relação tátil com a fotografia aproxima o fotógrafo do momento retratado.

Eclética: Qual é o papel da fotografia na sociedade atual? Você acredita que houve uma banalização da imagem devido ao grande volume de fotos e a sua utilização nas redes sociais?

Lia: A vida é movimento, transformação, mudança. A fotografia tem o poder de parar o tempo, imortalizar uma cena. Ela valida a memória, funciona como um gatilho para o passado. Hoje nós marcamos nossa existência através da fotografia: se o evento não for fotografado gera até dúvidas de sua existência. Precisamos comprovar que nos encontramos com tal pessoa, que estivemos em tal show, que visitamos tal lugar. E fazemos isso compartilhando fotos nas redes sociais e marcando nossos amigos. Mas isso acontece devido à nossa frágil memória e à necessidade em nos demarcarmos no tempo-e-espaço. A fotografia auxilia o processo da construção da memória, da identificação da essência do outro e da proximidade com o passado, afinal é o espelho para nossa história.

Para mais informações sobre a entrevistada, acesse o site <http://www.liaferreira.com.br/>

Fotos: Lia Ferreira

